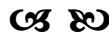


## LADO A LADO: MARCAS CATÓLICAS DO BANDEIRANTISMO NO BRASIL

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/70539>

Alexandra Lima da Silva

*Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil.*



### Resumo

Este trabalho explora as marcas do catolicismo na vertente brasileira do bandeirantismo, a partir da análise dos impressos *Revista Bandeirantes* e da coluna *As bandeirantes*, publicada nas páginas do periódico *Correio da Manhã*, na década de 1950. Há relação entre Bandeirantismo e catolicismo? O que significava ser bandeirante no Brasil? O pertencimento ao movimento bandeirante pode ser uma ação reveladora das redes de sociabilidade, apoio e prestígio do círculo de mulheres bandeirantes. O trabalho indica a intensa articulação entre as lideranças bandeirantes no Brasil com o movimento internacional, bem como o pertencimento das líderes bandeirantes ao círculo católico no Brasil. Tais conclusões articulam-se com alguns trabalhos de pesquisa desenvolvidos no campo da História da Educação, especificamente sobre o Catolicismo.

Palavras-chave: bandeirantismo, impressos, catolicismo.

### SIDE BY SIDE: CATHOLIC BRANDS OF GIRL SCOUTING IN BRAZIL

#### Abstract

This work explores the marks of Catholicism in the Brazilian slope of the girl guides, by the printed *Bandeirantes Magazine* and the column *As Bandeirantes*, published in the pages of the newspaper *Correio da Manhã*, in the decade of 1950. Is there a relation between Bandeirantism and Catholicism? What did it mean to be a girl guide in Brazil? The paper defends that belonging to the girl guide movement can be a revealing action of the networks of sociability, support and prestige of the circle of girl guide's women. The work indicates the intense articulation between the girl guide leaderships in Brazil with the international movement, as well as the adherence of the girl guides leaders to the Catholic circle in Brazil. These conclusions are articulated with some research works developed in the field of History of Education, specifically on Catholicism.

Keywords: girl guides, printed, catholicism.

### AL LADO DEL OTRO: LAS MARCAS CATÓLICAS DEL ESCULTISMO FEMENINO EM BRASIL

#### Resumen

A partir del análisis del periódico *Correio da Manhã* y de la *Revista Bandeirantes*, este artículo analiza las marcas del catolicismo en el escultismo femenino, especialmente la dirección de María José de Queiroz Austregésilo de Athayde, en la década de 1950. Hay una relación entre el escultismo de niñas y el catolicismo? Que es el escultismo femenino en el Brasil? Hacer parte del escultismo de niñas puede ser una acción reveladora de las redes sociales y del prestigioso círculo de mujeres pioneras.

Palabras-clave: escultismo femenino, impresos, catolicismo.

**CÔTE À CÔTE: MARQUES CATHOLIQUES DE SCOUTISME FÉMININ AU BRÉSIL****Résumé**

Cet article analyse la présence du catholicisme dans le Scoutisme au Brésil. Effectue une cartographie du Journal Bandeirantes et la colonne Les Eclaireuses du journal Morning Post, dans les années 1950. Il existe une relation entre Eclaireuses et le catholicisme? Qu'est-ce que signifie être pionnier au Brésil? Appartenir au mouvement Éclaireuse peut être une action révélatrice des réseaux sociaux, le soutien et le cercle prestigieux des femmes pionnières. Le travail indique les liens étroits entre les dirigeants des Eclaireuses au Brésil avec le mouvement international, et de l'appartenance des pionniers principaux du cercle catholique au Brésil. Ces résultats concordent avec des travaux de recherche développés dans le domaine de l'histoire de l'éducation, en particulier sur le catholicisme.

Mots-clés: éclaireuse, imprimés, catholicisme.

## Introdução

Este artigo procura analisar as marcas católicas presentes na expansão do Bandeirantismo no Brasil, a partir da análise de impressos, tais como a *Revista Bandeirantes* - fundada em 1928 e dirigida por Maria de Lourdes Lima Rocha - nos primeiros números e a coluna *As bandeirantes*, publicada nas páginas do periódico *Correio da Manhã*, na década de 1950. Esta seção era escrita pelas líderes do movimento no Brasil, dentre as quais se destacava, na década de 1950, Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde. Apesar de o princípio elementar do Bandeirantismo não estar ligado a qualquer religião ou crença, é possível aferir que o movimento no Brasil esteve fortemente entrelaçado com o catolicismo.

Deste modo, cabe indagar: quem eram as líderes do Bandeirantismo no Brasil? Quais as relações com o pensamento de Robert Baden-Powell, tido como o pai do Bandeirantismo? Quais as principais características, práticas e valores defendidos pelo Bandeirantismo no Brasil? Há relação entre Bandeirantismo e catolicismo? O que significava ser bandeirante no Brasil? O pertencimento ao Movimento Bandeirante pode ser uma ação reveladora das redes de sociabilidade, apoio e prestígio do círculo de mulheres bandeirantes.

O periódico *Correio da Manhã*<sup>1</sup> dedicava uma seção à Vida Escoteira, desde agosto de 1953, publicada uma vez na semana. A outra seção do *Correio da Manhã* intitulava-se *Bandeirantes*, voltada para aspectos referentes ao ser bandeirante.

Em edição especial no ano de 1957, a Federação das Bandeirantes do Brasil agradecia ao periódico pela divulgação do movimento:

A Federação das Bandeirantes do Brasil agradece ao *Correio da Manhã* não só a oportunidade que tem, através deste Suplemento de celebrar o centenário de Baden-Powell, fundador do Escotismo, como também o apoio e estímulo que nunca lhe faltaram nas colunas do grande matutino de Paulo Bittencourt. A melhor maneira de corresponder ao inventivo da imprensa brasileira é manter bem alto o ideal bandeirante e trabalhar com redobrado afinho pelo maior desenvolvimento dessa obra educativa da mocidade feminina em nossa pátria. Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde, Presidente da Federação das Bandeirantes do Brasil. (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/1957, p. 15)

O espaço dado pelo jornal *Correio da Manhã* à causa bandeirante mereceu páginas especiais, em diferentes ocasiões.

**Quadro 1** - Bandeirantes articulistas, Seção *Bandeirantes*, *Correio da Manhã*.

Autora	Título	Data	Página
Rosita Sampaio Baiana	A XVI conferência mundial	26/08/1956	5
Sem menção	Visita de uma chefe brasileira à França	1/07/1956	2
Sem menção	Chefe-alma do movimento escoteiro	23/08/1959	18

<sup>1</sup> Conforme verbete de Carlos Eduardo Leal, o *Correio da Manhã* foi um jornal fundado por Edmundo Bittencourt na cidade do Rio de Janeiro, em 1901, e circulou até 1974. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/CORREIO%20DA%20MANH%C3%83.pdf>>. Acesso em 08/10/2016.

<b>Autora</b>	<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Página</b>
Traduzido de Duty to God	Protestantes, israelitas, católicas...	20/11/1955	5
Maria José Austregésilo de Athayde	O Bandeirantismo na formação da personalidade	20/04/1958	7
Maria José Austregésilo de Athayde	O Bandeirantismo e sua história no Brasil	23/04/1957	16
Sem menção	A expansão do Bandeirantismo no Nordeste	7/10/1956	7
Sem menção	Condecorados os amigos do movimento bandeirante Chá de aniversário na residência da presidente Maria José Austregésilo de Athayde	16/08/1957	7
	Estímulo para as novas bandeirantes à conferência mundial de Quitandinha Influências sobre a juventude. Contribuição para o desenvolvimento nacional. Declarações da Sra. Maria José Austregésilo de Athayde, presidente da F.B.B	11/07/1957	7
	A semana das bandeirantes O programa das comemorações na Região Carioca. Intercâmbio de Chefes de Acampamento. Na Holanda, a conferência mundial de Girl Scouts	08/08/1954	6
	No Rio, a representante inglesa à XVI Conferência Mundial de Quitandinha Tolerância num país de muitas religiões. Terra sem milionários. Dois uniformes, sendo um o sári nacional. Ilha paradisíaca de muitos nomes.	26/05/1957	1
	Promovido pelas Girl Scouts. Intercâmbio de chefes bandeirantes. Objetivos das reuniões no Rio e em Washington. Juliette Low.	25/10/1953	1
Dame Leslie Whateley	Os problemas específicos do Bandeirantismo estão ligados à emancipação da mulher no mundo. São as declarações da presidente do Bureau Internacional das Bandeirantes, Dame of the British Empire, vem ao Rio a viúva Bernadotte	27/06/1957	8
Carmelita Rego	Educar, ensinar e divertir	16/10/1955	8
Bandeirantes de São Paulo	Fé no Bandeirantismo	13/01/1957	1
Marisa Woolf Ferreira	Diário de meu primeiro acampamento	07/04/1957	1
Maria José Queiroz Austregésilo de Athayde, presidente da F.B.B	Cartas às mães	11/09/1955	5
Lygia Severo da Costa	Campanha da sede	24/06/1955	5
Carmelita Rego	Amizade Internacional	18/09/1955	11
	Bandeirantes brasileiras de partida para os Estados Unidos	3/06/1956	6
Paula Parreiras Horta Laciette	Autoridade e Bandeirantismo	8/7/1956	4

Autora	Título	Data	Página
Maria José Queiroz Austregésilo de Athayde	Aracy Muniz Freire, bandeirante perfeita	10/08/1958	5
	De luto, as bandeirantes. Faleceu, no sábado último, a chefe Lourdes Rocha, uma das pioneiras do Bandeirantismo no Brasil	13/11/1953	9
	24 horas na vida de Maria José	24/05/1959	5º Caderno

**Fonte:** *Correio da Manhã*. Quadro elaborado pela autora.

Mulheres como Rosita Sampaio Baiana, Maria José Austregésilo de Athayde, Dame Leslie Whateley, Carmelita Rego, Marisa Woolf Ferreira, Lygia Severo da Costa e Paula Parreiras Horta Laciette, fizeram uso da palavra no periódico *Correio da Manhã* para defender e divulgar os valores do movimento bandeirante.

A partir da análise das comemorações de aniversário do Movimento Bandeirante no Brasil, publicadas nas páginas do *Correio da Manhã*, é possível afirmar que foi em 13 de agosto de 1919 que o bandeirantismo deu seus primeiros passos no país, “na residência de Lady Mackenzie, então residente no Brasil, que as primeiras bandeirantes patricias fizeram seu compromisso à Bandeira”. O gesto de fazer juramento junto à Bandeira sela o compromisso e dedicação total à causa bandeirante (*Correio da Manhã*, 13/08/1959, p. 2). Os festejos de 40 anos de fundação do movimento no país reafirmam os valores e a história do Bandeirantismo, fundado em 1910 pelo britânico Baden-Powell:

O Bandeirantismo, movimento que visa à formação completa das jovens, foi fundado em 1910 por Baden-Powell, com auxílio de sua irmã Agnes. Quatro anos mais tarde, a atual Lady Baden-Powell, já esposa do fundador, começou a se interessar pelo Bandeirantismo. O seu entusiasmo pela nobre causa foi imediatamente reconhecido pelas bandeirantes de todo os países. A sua preocupação em desenvolver o sistema educacional criado por seu esposo era sempre constante. (CORREIO DA MANHÃ, 13/08/1959, p. 2)

Robert Stephenson Smith Baden-Powell nasceu na Inglaterra, em 22 de fevereiro de 1857. Foi militar e criador do Escotismo. Fez uso da palavra e das viagens para difundir o Escotismo pelo mundo. Autor de vários livros, dentre os quais *Scouting for boys* (1908), traduzido como *Escotismo para Rapazes* (1975) e *Aids to scouting* (1091), traduzido como *Guia do Chefe Escoteiro* (1982).

Dentre os livros de Robert Baden-Powell, destaco a autobiografia *Lições da Escola da Vida* (1981), na qual ele afirma que escreveu sua própria história de vida para motivar e servir de exemplo aos jovens:

Não queria escrever esta história sobre minha pessoa, qualquer autobiografia está fadada a ser repetição egoísta da palavra ‘eu’, porém, muita gente me pediu para contar minhas aventuras achando que seriam úteis aos jovens, auxiliando-os a dar um sentido a suas vidas. (BADEN-POWELL, 1981, p. 5)

Baden-Powell afirma que foi educado em várias oportunidades e maneiras: em casa, na escola, nas viagens, nos esportes. É possível afirmar que foi também um

incansável viajante, pois visitou a Índia, o Afeganistão, o Egito, a Austrália, dentre outros países. Baden-Powell faleceu em janeiro de 1941, um mês antes de completar 84 anos.

Dentre as referências ao Escotismo, é possível mapear estudos sobre o tema em diferentes áreas. No âmbito dos estudos no campo da História da Educação, destaco os trabalhos do pesquisador espanhol José María Hernandez Díaz. O autor explora as relações entre excursionismo, escotismo e educação para a cidadania na Espanha (2011a; 2011b). Merece atenção também, o livro *A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil*, de autoria do pesquisador brasileiro Jorge Carvalho do Nascimento (2008).

A preocupação com a psicologia escoteira e o lugar do escotismo como uma pedagogia do civismo estiveram presentes nas análises de Judith Zuquim e Roney Cytrynowicz (2002). A relação entre escotismo e civismo foi o foco das análises de Amailson Nascimento, em texto publicado na *Revista Brasileira de História da Educação* (NASCIMENTO, 2004). Por sua vez, Nilson Thomé vislumbra a existência de um projeto educativo extraescolar no interior do Movimento Escoteiro (THOMÉ, 2014). A expansão do Escotismo no Brasil, a partir de análise da revista *Tico-Tico* foi o foco de Waldomiro de Castro Santos Vergueiro (2005). Na área de Educação Física, com a preocupação de analisar a educação do corpo a partir do Escotismo Herold Júnior e Fernandez Vaz, (2012) desenvolvem seus estudos e na área de Sociologia, Max Eduardo Souza (2010) analisa o pensamento social conservador na modernidade brasileira a partir do Movimento Escoteiro. Na área de Antropologia Social, Caio Fernando Flores Coelho (2013) realizou um estudo etnográfico no interior do Movimento Escoteiro no Rio Grande do Sul.

Se Robert Baden-Powell é considerado o “pai” do Escotismo, foi graças às figuras femininas próximas a ele, como a irmã (Agnes Baden-Powell) e a esposa (Lady Baden-Powell), que o movimento das *Girl Guides* (batizado em português como Bandeirantes) se espalhou pelo mundo afora, estando presente em 5 continentes.

O Bandeirantismo foi objeto de estudo em alguns trabalhos acadêmicos. Na área de Antropologia, a dissertação de mestrado de Maria Inez Motta (1988) explorou o lugar da mulher no Movimento Bandeirante no Brasil. Na área de Ciências Sociais, Samara dos Santos Carvalho analisou o debate sobre a emancipação da mulher no interior da Federação das Bandeirantes (2013), e as relações de gênero no Movimento Bandeirante (2014). É interessante notar que não foram localizados trabalhos especificamente sobre o Bandeirantismo no campo da História da Educação.

Uma carta escrita por Lady Baden-Powell às mulheres brasileiras estreitou os laços do Movimento Bandeirante no Brasil, surgido no ano de 1919 com o nome de Associação das *Girl Guides* do Brasil<sup>2</sup>:

Neste apelo, pedia que se interessassem pela causa que estava interessando à mocidade feminina de tantos países. Foi portador desta carta o Sr. Barelay, amigo dos Baden-Powell, que vinha ao Rio a negócios. Aqui chegando, o Sr. Barclay

<sup>2</sup> Posteriormente recebeu o nome de Federação de Bandeirantes do Brasil, cujo símbolo é o trevo, traz os três aspectos fundamentais da Promessa: “aperfeiçoamento pessoal, serviço comunitário e busca da fé espiritual”. Fundada em 1919, a Federação existe até hoje, com a missão de: “ajudar crianças, adolescentes e jovens a desenvolverem seu potencial máximo como responsáveis cidadãos do mundo”. (Fonte: *Federação de Bandeirantes do Brasil* - Estatuto - Edição 2014).

entrou em contato com Sir Henry Linch e seu irmão, Edmund Lionel Linch, interessados pelo assunto, pediram a sua mãe, sra. Adele Lynch que promovesse uma reunião em sua casa, convidando diversas autoridades e senhoras que pudessem tomar a iniciativa de fundar o Bandeirantismo em nosso país. Essa reunião realizou-se a 30 de maio de 1919. Entre as senhoras que imediatamente se entusiasmaram com a ideia, destacou-se d. Jerônima Lynch, e filha da baronesa de Bonfim, D. Jeronima Mesquita, que já estava ligada ao mesmo ideal de Baden-Powell, pois anos atrás, quando na Europa, enviara a primeira sugestão para que se fundasse o Escotismo em São Paulo. Então, sob a direção da chefe Jeronima Mesquita, formou-se o primeiro grupo de Bandeirantes no Brasil. (CORREIO DA MANHÃ, 21/04/1959, p. 5)

É possível aferir que as viagens, as correspondências e as redes de sociabilidades foram fundamentais para a implementação e expansão do Bandeirantismo no Brasil, com destaque para as mulheres em trânsito, na liderança do processo. Dentre as importantes lideranças femininas no movimento brasileiro, destacam-se os nomes de Maria de Lourdes Lima Rocha, Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde e Aracy Freire, apenas para citar algumas.

“O Bandeirantismo e sua história no Brasil” foi o título de uma página especial publicada no *Correio da Manhã* de 23 de abril de 1957, na seção “*Páginas das bandeirantes*”, organizada pela presidente do Distrito Guanabara, Sra. Cecy Vilhena Soares. A partir de dados colhidos em documentos da Federação das Bandeirantes do Brasil, redigidos por Maria José Queiroz Austregésilo de Athayde, foi possível saber um pouco mais sobre o movimento, que seria “uma conquista feminina realizada por moças inglesas”.

No Brasil, o florescimento do movimento se deu em função da atuação de mulheres como Jerônima Mesquita, Lady Mackenzie e as primeiras jovens a realizarem a promessa: Clara Santos, Gasparina Santos, Ivone Maset, Zaira Lisboa, Solange Ramos, Kate Bulhões de Carvalho, Phyllis Savile, Heloisa Graça Couto, Maria Eliza Silva Costa, Rosita Sampaio e Edel Ramos. A primeira presidente da Federação foi Eugenia de Barros. Ela destaca que as viagens foram constantes entre tais mulheres: “Em 1920, a sra. May Mackenzie embarcou para a Europa, porém a companhia de chefes continuou a reunir-se em sua casa, tendo como chefe Clara Santos e subchefe Rosita Sampaio Bahiana” (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/1957, p. 16). O nome Bandeirantismo foi sugestão do professor Jonathas Serrano<sup>3</sup> “pois bem se aplicava a jovens que vão em busca das riquezas da alma e da alegria pura” (Ibidem). Dentre os convidados para as atividades e reuniões, destaque para a presença do Rev.<sup>mo</sup>. Padre José Maria Natuzzá, consultor Eclesiástico.

Na perspectiva de Maria José Queiroz Austregésilo de Athayde, a entrada de Lourdes Lima Rocha foi decisiva para a expansão do movimento:

O Bandeirantismo ía pois nos primeiros passos ainda pouco incertos, num período de adaptação, quando alguém que iria marcar decisivamente os seus rumos começou a tomar conhecimento dele. Refiro-me a Lourdes Lima Rocha, naquele tempo jovem e já revelando as extraordinárias qualidades do seu espírito privilegiado. Ela viu, com a agudeza de observação que lhe era peculiar, as imensas possibilidades que o movimento bandeirante oferecia na formação da juventude feminina, Não se integrou imediatamente no trabalho bandeirante.

<sup>3</sup> Jonathas Serrano (1885-1944) foi um educador católico, professor de História e autor de livros diversos, dentre os quais: *A montanha de Cristo*, 1931.

Observou, estudou longamente o ideal e a metodologia de Baden-Powell, para depois entregar-se inteiramente e dedicar ao Bandeirantismo sua vida até o fim. Isto não quer dizer que não tivesse tido diversas atividades bandeirantes, desde que começou a se interessar pelo movimento. Basta dizer que ainda durante a estada no Brasil de Miss Violet Grimshaw, Lourdes com Lygia Darcy e Clara Santos, trabalhou na tradução e adaptação do livro Regras e Organização, publicado logo depois. (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/1957, p. 16)

Por sua vez, os fortes traços de união com os valores católicos estão presentes até na escrita de Maria José Queiroz Austregésilo de Athayde sobre o movimento:

Se consideramos que a fundação em 1919, por Jeronyma Mesquita, foi o Batismo do Movimento Bandeirante, o ingresso de Lourdes Lima Rocha foi a sua Crisma. Ela traçou a orientação que haveria de nortear o desenvolvimento desta obra: ela, com seu profundo patriotismo, completou o trabalho de nacionalização, que se havia iniciado com a primeira promessa. Pelo seu trabalho, o Bandeirantismo implantou suas fortes raízes no solo brasileiro e seu desenvolvimento lento, porém seguro. (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/1957, p. 16)

### **Lado a lado: Igreja Católica e Bandeirantismo no Brasil**

A chefe Lourdes Lima Rocha foi convidada pelo Padre Leovigildo Franca, no ano de 1926, para fundar uma companhia bandeirante. A Companhia do Sagrado Coração de Jesus funcionava na própria sede da paróquia, na Rua Benjamim Constant, número 42, no Rio de Janeiro. A sede da Federação Bandeirante Brasileira foi construída no terreno atrás da igreja também. O apoio da Igreja Católica se fez presente em outros vários momentos:

Em março de 1927, o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, abençoa as bandeirantes. Em maio do mesmo ano, a Companhia do Sagrado Coração de Jesus inicia a publicação de um pequeno jornal, denominado Bandeirante, o mesmo que a partir de 1921 é órgão oficial da F. B. B. (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/1957, p. 16)

Se na década de 1920 a parceria e o apoio da Igreja mostraram-se fundamentais para a criação da revista e para a alocação da própria sede da federação, na década de 1950 as ações da Igreja Católica em apoio à causa bandeirante persistiram. A coluna *Semana das Bandeirantes*, de 14 de agosto de 1955, noticiou a entrega - por parte de D. Hélder Câmara - do diploma de agradecimento da Igreja às Bandeirantes, “pelos relevantes serviços por elas prestados no Congresso Eucarístico”. Houve também missa em ação de graças às bandeirantes mortas e chá comemorativo pelos 36 anos de existência da entidade.

D. Hélder Câmara, em nome de D. Jayme Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, fez entrega à presidente da Federação de um diploma e de uma medalha em ouro, pelos excepcionais serviços prestados pelas bandeirantes ao ensejo da realização do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. Antes de fazer a entrega, o Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro teceu palavras de elogio aos “Anjos Brancos” do Congresso Eucarístico - como foram cognominadas as bandeirantes -, frisando já saber de antemão que poderia contar com a ajuda “tão valiosa destas jovens que lutam sempre ao lado das causas nobres” (CORREIO DA MANHÃ, 14/08/1955, p. 3).

Por sua vez, em diferentes momentos, é possível analisar as relações entre a



Igreja Católica e o Escotismo. Em 1956, por exemplo, escoteiros católicos se reuniram num acampamento internacional, em Londres, após o *Jamboree* do duplo jubileu do Escotismo. A Conferência Internacional de Escoteiros Católicos reuniu representantes de 15 países (CORREIO DA MANHÃ, 11/07/1956, p. 8).

Retornando às Bandeirantes, o debate em torno da religião se fez presente no artigo “Protestantes, israelitas, católicas”, traduzido do *Duty to god*, em novembro de 1955. Em tom de polêmica, o artigo destacava o conflito existente no interior do movimento, sobretudo sinalizando para a necessidade de as guias respeitarem as diferentes religiões das meninas:

As chefes de companhias, muitas vezes, precisam conhecer melhor os deveres religiosos das várias crenças que professam suas guias, bandeirantes ou fadinhas. É preciso lembrar que as bandeirantes podem pertencer a outras seitas, com outras exigências que as chefes devem aceitar e respeitar. É um princípio elementar do Bandeirantismo que o Movimento, encarado no seu conjunto, não está ligado a nenhuma religião ou crença. Um grande espírito de solidariedade é o ponto visado e cada um dos seus membros deve ser impelido a atingir o próprio ideal. Isso não quer dizer que o Bandeirantismo seja, em si, uma religião abrangendo todas as outras, nem que os seus membros se satisfaçam com o cumprimento individual de sua promessa de ser leal a Deus, conservando-se afastados das comunidades religiosas existentes. (CORREIO DA MANHÃ, 20/11/1955, p. 6)

O artigo defendia, principalmente, a importância da religião na vida da menina bandeirante, pois “a melhor bandeirante é aquela que se mantém firme nas suas convicções, leal às obrigações que estas lhe impõe e tolerante em relação a quem pensa de modo diverso”. Caberia às chefes o dever de orientar a menina para o caminho da Palavra de Deus, “não somente porque o exemplo deve ser tomado em consideração, como também porque a palavra “guia” deve-se aplicar nesse assunto, a todos os membros do Movimento”. Assim, cada chefe deveria também estudar os princípios da própria religião, e que praticasse os mandamentos da mesma, para servir de exemplo às jovens em formação. As chefes precisariam ainda ser mediadoras junto às diferentes instituições religiosas: “As chefes de companhias devem manter relações amistosas com os Ministros das Igrejas às quais suas bandeirantes pertencem e devem cooperar com eles, de maneira a organizar os programas, atendendo às exigências de cada uma das Igrejas” (CORREIO DA MANHÃ, 20/11/1955, p. 6).

Os valores do Bandeirantismo caminhavam lado a lado com os preceitos religiosos:

Considerando que, por seu eterno poder e bondade infinita, Deus é Criador, Juiz e Senhor de tudo, é nosso dever evidente adorá-lo com todas as nossas forças, amá-lo de todo o nosso coração e obedecer-lhe em todos os nossos atos. Portanto, o dever para com Deus abrange toda a nossa vida e não somente uma parte dela. Isso significa a consagração de todo o nosso ser, de todo o nosso tempo a serviço de Deus. Trabalho e adoração, diversões e orações, responsabilidade social e justiça internacional, tudo isso está incluído nesse serviço, um serviço feito não somente com obediência, como um dever, mas também, com gratidão, como um privilégio. Apreciamos o Bandeirantismo porque ele reconhece esse dever total em relação a Deus e abre as portas para o seu cumprimento. Incentiva a oração, o estudo dos livros sagrados. (CORREIO DA MANHÃ, 20/11/1955, p. 6)

A chefe tinha que, portanto, dedicar-se ao serviço de Deus e alimentar sua vida espiritual, através da devoção e da submissão a uma comunidade religiosa. E assim, ofereceria a Deus o seu trabalho na Companhia e sua aspiração seria a de incitar as meninas a dedicarem suas vidas ao Pai Celestial, adorando-o dentro da comunidade dos fiéis.

O dever para com Deus abrange todo o bandeirantismo, porém uma verdadeira interpretação dos nossos deveres pressupõe alguma compreensão da natureza e da vontade de Deus e a chefe tem a obrigação de certificar-se, ao falar a suas bandeirantes sobre a promessa, de que elas não ignoram as bases de suas crenças religiosas. (...) As bandeirantes que pertencem a famílias que não reconhecem os direitos de Deus, devem ser ajudadas para que compreendam esses direitos e seria desejável que fossem postas em contato com alguma comunidade religiosa. Para isso, o consentimento dos pais deve ser obtido; porém, é obrigação da chefe, ao visitar cada recruta, antes de sua entrada para a companhia, deixar bem claro no espírito dos pais que o Bandeirantismo é um movimento religioso e inclui uma promessa de lealdade a Deus. (CORREIO DA MANHÃ, 20/11/1955, p. 6)

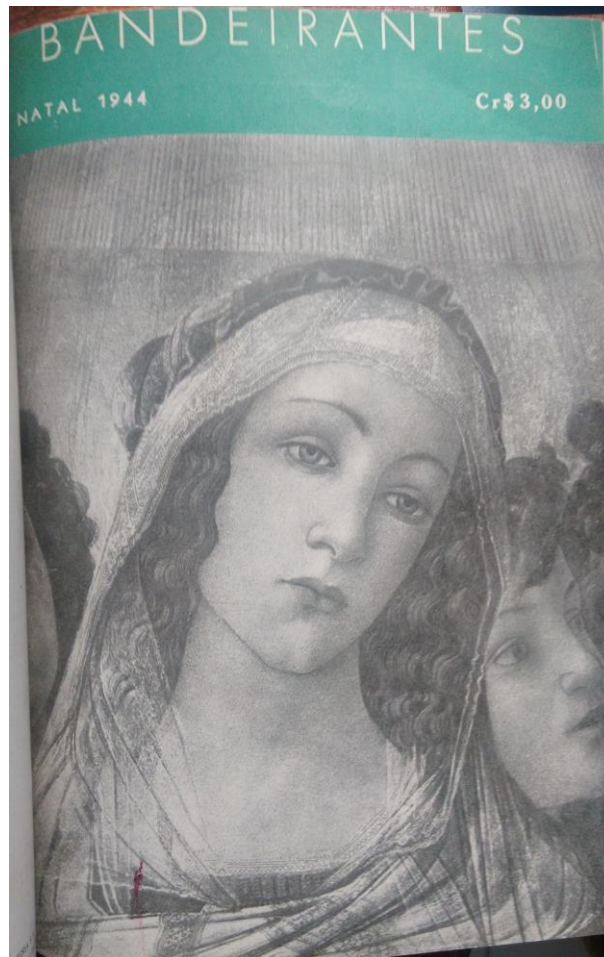
As chefes teriam a incumbência de incentivar e orientar as bandeirantes a seguir o caminho religioso e não deveriam colocar obstáculos na prática religiosa das meninas, respeitando a diversidade de credo entre elas. Entretanto, a falta de pertencimento religioso era algo negativo para o Bandeirantismo.

A presença da Igreja Católica dava-se também na realização de missas nos acampamentos bandeirantes. O diário do primeiro acampamento de Marisa Woolf Ferreira permite vislumbrar tal prática:

Sétimo dia: domingo, logo pela manhã fomos à missa e que grande surpresa tive ao voltar, quando Gladys me perguntou se eu gostaria de fazer minha Promessa Bandeirante nesse dia! Na presença de meus pais, tio, tia e prima, prometi SER LEAL A DEUS E À MINHA PÁTRIA, AJUDAR AO PRÓXIMO E OBEDECER AO CÓDIGO DAS BANDEIRANTES, tendo por madrinha minha tia, que é bandeirante. (CORREIO DA MANHÃ, 7/04/1957, p. 4)

As marcas católicas do Bandeirantismo no Brasil estão presentes também nas páginas da *Revista Bandeirantes*, criada pela Companhia do Sagrado Coração de Jesus. A presença católica apresenta-se de várias maneiras. Desde anúncios de livros e impressos católicos à divulgação de missas e celebração de datas importantes para o Catolicismo:

A *Revista Bandeirantes* também publicava textos diversos e imagens relacionadas à Igreja Católica. É possível afirmar que a revista se preocupava com a imagem idealizada da mulher. A figura feminina era representada a partir do modelo da Virgem Maria:



**Figura 1** - Virgem Maria.

**Fonte:** Revista *Bandeirantes*, dezembro de 1944.

Tais representações da mulher deveriam ser os exemplos almejados e seguidos pela menina bandeirante: maternal, culta e recatada.

### **Em movimento: mulheres católicas e Bandeirantismo**

Conforme o Estatuto da Federação de Bandeirantes do Brasil, essa instituição adere aos princípios fundamentais da Associação Mundial de Bandeirantes e seus membros assumem o compromisso de manter os ideais contidos na Promessa, no Código e no Método formulados por Lord Baden-Powell, fundador do Bandeirantismo mundial.

Olave St Clair Soames nasceu em 22 de fevereiro de 1889, em Dorset (Inglaterra) e passou a infância toda no campo. Aos 23 anos, casou-se com o então general Robert Baden-Powell, quando passou a ser tratada como Lady Baden-Powell. Desde então interessou-se pelo sistema educacional criado pelo marido, em 1907. Quatro anos depois do casamento, em 1916, a jovem esposa foi indicada para ocupar o cargo de comissária regional de Sussex. Em 1918, tornava-se a bandeirante-chefe da Gran-Bretanha. Já em 1930, ao longo da realização de uma conferência mundial de bandeirantes, Lady Baden-Powell foi proclamada chefe mundial das *Girls guides*.

Em reconhecimento aos serviços prestados, recebeu condecorações de todas as associações nacionais escotistas. Durante as comemorações da maioria do Bandeirantismo, recebeu do rei George V o título de *Dame Grand Cross of British Empire*.

Lady Baden-Powell foi considerada a mulher que mais viajou no mundo naquela época, isto porque comparecia assiduamente a conferências e reuniões para as quais era chamada. Em 1959, Lady Baden-Powell visitou diferentes estados brasileiros, o que foi amplamente noticiado no *Correio da Tarde*.

Seguindo os passos de Lady Baden-Powell, algumas lideranças femininas destacaram-se no Bandeirantismo no Brasil. Da primeira presidente, Sra. Jerônima Mesquista, à figura de Maria José Queiroz Austregésilo de Athayde, foram mais de 40 anos de muitas viagens, atividades e eventos em torno do Movimento Bandeirante no Brasil.

Outro nome de destaque no Bandeirantismo no Brasil foi o de Maria de Lourdes Lima Rocha, ou simplesmente “Chefe Lourdes”. Professora e pedagoga, ela fundou a Companhia do Sagrado Coração de Jesus, em Botafogo (RJ), além de ter sido diretora e fundadora da *Revista Bandeirante* (criada em 1927, circulou até a década de 1990).

“Chefe Lourdes” faleceu em novembro de 1953. Na ocasião, a Seção Bandeirantes prestou-lhe uma homenagem. Lourdes Lima Rocha era considerada uma das pioneiras do Bandeirantismo no Brasil. Solteira, filha de advogados, foi assim descrita por Maria José Queiroz Austregésilo de Athayde:

Com uma intuição profunda, com um imenso desejo de compreender e melhorar a alma da adolescente, uma fé admirável e apostolar, um patriotismo clarividente e construtivo, uma inteligência objetiva, um senso crítico ao mesmo tempo mordaz e generoso, um grande amor pela natureza. Lourdes Lima Rocha era a própria personificação de chefe bandeirante. Seu temperamento arrebatado às vezes provocava debates, porém com bom humor, largueza de vistas e compreensão humana, logo congregava, em torno de sua personalidade irradiante de simpatia, quem dela se aproximava. (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/1957, p. 16)

Outra liderança feminina era Aracy Muniz Freire, uma “bandeirante perfeita” (CORREIO DA MANHÃ, 10/08/1958, p. 6). Para Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde, “a morte de Aracy Muniz Freire foi uma grande perda para a Federação das Bandeirantes do Brasil”, pois Aracy era uma das figuras mais atuantes nas questões referentes à educação da mocidade, “não somente pela competência e capacidade intelectual e de trabalho como pela autoridade moral que sabia, de modo extraordinário, conciliar jovialidade e a simpatia humana” (CORREIO DA MANHÃ, 10/08/1958, p. 6).

Aracy Muniz Freire tornou-se ainda referência no estudo da orientação educacional e aspectos relacionados às reações psicológicas. “Católica praticante e exemplar, tinha, no entanto, profundo respeito pelas convicções alheias e sua influência se exercia muito mais através do exemplo do que do proselitismo”. Mais um aspecto considerado exemplar na trajetória de Aracy Muniz Freire era a dedicação à vida profissional:

Era uma exata cumpridora dos seus deveres profissionais, tanto na Escola Amaro Cavalcanti, onde trabalhou anos, como no SESC e no Departamento de Educação do Rio de Janeiro. Também no Instituto Brasil-Estados Unidos, no qual dirigia a Comissão de Bolsas. E na Federação das Bandeirantes do Brasil, onde ocupava dois cargos, ambos de maior importância, aos quais se dedicava com fé e entusiasmo. (CORREIO DA MANHÃ, 10/08/1958, p. 6)

As redes de sociabilidade de Aracy Muniz Freire foram significativamente

ampliadas, graças aos cargos ocupados na Federação Bandeirante Brasileira:

Através do Bandeirantismo, fez grandes amizades com outras dirigentes, em diferentes países, que encontrava com freqüência nas reuniões internacionais. Suas maiores ligações eram, sem dúvida, com os Estados Unidos. Tinha sincera admiração, não só pelo grande país, pelas suas realizações no campo do progresso e da ciência, mas talvez mais ainda pelo caráter do seu povo, com o qual tinha profunda afinidade. Muitas de suas qualidades pessoais encontravam similaridade com certos traços típicos do povo norte-americano: a jovialidade, o amor ao esporte, à vida ao ar livre, o senso do dever, a devoção ao trabalho, a solidariedade ao próximo, a conformidade das normas da vida com as convenções de ordem moral (...). Podemos dizer, sem exagero, que Aracy era uma bandeirante perfeita. Deixa-nos, além da saudade, um inesquecível exemplo. Que cada bandeirante veja nela, na dignidade e correção de sua vida, no respeito pela personalidade alheia, no caráter íntegro, na generosidade e compressão pelas fraquezas dos outros, no sincero desejo de ajudar a todos, no sadio otimismo que irradiava de sua pessoa, na sua fé sólida e esclarecida, um modelo a seguir. (CORREIO DA MANHÃ, 10/08/1958, p. 6)

Sem dúvida, a atuação de Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde como articulista na Seção Bandeirantes é importante fonte para a história do Bandeirantismo no Brasil e para a visibilidade de outras lideranças femininas no movimento. Todavia, quem foi Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde?

A partir do depoimento de Laura Sandroni, em entrevista concedida a Thiago Majolo em 2008, é possível reunir pistas sobre Maria José Athayde, mãe da depoente:

A minha mãe é uma figura muito interessante também, ela se chamava Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde e ela foi dona de casa e secretária do meu pai, porque ela que datilografava, ele ditava os artigos. Ele escrevia uns cinco artigos por dia e isso tudo era ditado pra ela, e ela passava a manhã inteira na máquina. E era impressionante porque quando relia pra corrigir alguma coisa não tinha nada pra corrigir, era perfeito. Ele ditava como quem escreve pensando muito, eu nunca vi ninguém fazer isso. Mas a minha mãe tinha uma atuação também fora de casa, tipo benemerência. (SANDRONI, 2008)

A partir do depoimento da filha, é possível saber que Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde era casada com Belarmino Maria Austregésilo de Athayde. Ela participava ativamente não só das tarefas domésticas, como também, da vida pública:

Aí foi diretora, secretária durante muito tempo e ela também trabalhou muito na Federação das Bandeirantes do Brasil. Ela foi bandeirante e ela tinha um grande trauma, porque a mãe dela, a vovó Laura não a deixava acampar, tinha medo. As bandeirantes já acampavam desde sempre e a vovó achava que não devia, mas deixava ir às reuniões, nos passeios, mas não no acampamento. Então, assim que eu fiz seis anos, ela me botou pra ser fadinha, que é o que antecede à bandeirante, porque de seis a dez anos por aí é fadinha. E eu adorei, continuei a vida toda, acampej pelo Brasil inteiro, fui até ao Rio Grande do Sul de trem acampar em Caxias do Sul, uma coisa maravilhosa, eu acho que devo toda a minha educação mesmo... Porque eu fui filha única 11 anos e então o colégio e o Bandeirantismo pra mim era onde eu tinha pessoas com quem conversar e tal, porque dentro de casa eu era muito solitária, já que meus pais tinham uma vida social muito intensa. Então eu agradeço muito à minha mãe esse fato de ter me posto como Bandeirante. E ela chegou a ser presidente das bandeirantes do Brasil. E eu fui bandeirante em tudo que tinha: fadinha, bandeirante, cadete, chefe e depois de casada, conselho. Deixei de ir a um acampamento na Amazônia pra casar realmente estava na hora de deixar. (SANDRONI, 2008)

Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde era fervorosa defensora da família, da pátria e da religião na formação das jovens e das crianças. O método bandeirante seria um elemento auxiliar:

Como um suplemento de forças construtivas na luta que a família, a escola, as autoridades governamentais e religiosas devem e precisam sustentar contra as tendências desagregadoras que ameaçam a sociedade humana e alarmam aqueles que se empenham no estudo dos problemas morais do nosso tempo e na procura de solução adequadas para eles. A principal finalidade do Movimento é desenvolver as qualidades individuais. (CORREIO DA MANHÃ, 20/04/1958, p. 7)

Em “Cartas às mães”, Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde conta um pouco de seu pertencimento ao movimento, desde os tempos de menina.

E para as mães de meninas se dirigia de maneira especial:

O Bandeirantismo só pode fazer bem à formação da mocidade feminina. Se a jovem é impulsiva, alegre, cheia de vida, será a melhor maneira de canalizar essas energias exuberantes para atividades educativas. Se, pelo contrário, for tímida e retraída, será o meio mais indicado para revelar-lhe o interesse do convívio com meninas da mesma idade, o encanto do trabalho em conjunto, a alegria que emana da ação generosa. (CORREIO DA MANHÃ, 11/09/1955, p. 5)

E a lealdade a Deus e à pátria seriam outras condutas para a manutenção da promessa feita ao Bandeirantismo:

A promessa bandeirante resume um programa de ação: ser leal a Deus e à Pátria, ajudar o próximo em todas as ocasiões e obedecer ao código. Esse código cultiva as qualidades que desejamos ver aperfeiçoadas nelas: a sinceridade, a dedicação ao próximo, a camaradagem para com as companheiras, a delicadeza no trato, o amor à natureza, às plantas e aos animais, a obediência, a alegria diante das dificuldades, a economia, a pureza. (CORREIO DA MANHÃ, 11/09/1955, p. 5)

No campo da História da Educação, as contribuições da pesquisadora Ana Magaldi (2003; 2005; 2007) são fundamentais para compreender o pensamento católico, a modernidade e as relações família-educação na sociedade brasileira (anos 1930-1950). Ao se dirigir às mães, a preocupação da chefe bandeirante articula-se com os projetos e preocupações católicas do período, uma vez que:

No caso do projeto educacional dos católicos, pode-se afirmar que possuía como núcleo a temática da orientação religiosa, considerando-a em clara articulação com a visão do papel essencial da família na formação do indivíduo e de seu lugar inviolável na definição do modelo a ser seguido na educação dos filhos, aspectos, por sua vez, articulados com um outro ponto muito enfatizado nas formulações do grupo e que diz respeito às competências dos diferentes agentes educativos. (MAGALDI, 2003, p. 221)

A partir das pistas do jornal *Correio da Manhã*, é possível observar que a preocupação com a educação das meninas também esteve presente no artigo escrito por Carmelita Rêgo, em outubro de 1955. Para esta autora, o fim principal da Federação das Bandeirantes no Brasil era “a educação integral das meninas e moças brasileiras”, através de métodos bandeirantes, no sentido de preparo para serem boas esposas e boas mães, uma vez que a educação bandeirante era tida como auxiliar da família e da escola, logo, “educar é a finalidade da Federação das Bandeirantes” (CORREIO DA MANHÃ, 1955, p.

8).

As defesas de Carmelita Rêgo em relação à participação de pais e mestres no processo educativo tinham muita conexão com o projeto católico de educação, em que, “sendo os pais aqueles que investiriam a escola de autoridade para educar, seriam também eles que deveriam ter sua crença religiosa respeitada na educação dos filhos a ser dada na escola” (MAGALDI, 2003, p. 225).

Nas palavras de Carmelita Rêgo, “educar é formar o caráter, é orientar a menina para sua tríplice missão: religiosa, familiar e social”, uma vez que:

Formar a menina para sua missão religiosa nada mais é do que fazê-la viver o 1º artigo da promessa: ser leal a Deus, fazer das Bandeirantes mulheres de fé, solidamente instruídas em sua religião, vivendo-a em suas ações cotidianas. Cabe, pois, a chefe, incutir no espírito de suas Bandeirantes a noção do cumprimento de seus deveres religiosos, noção esta que a chefe incute sobretudo pelo bom exemplo. O conhecimento e a prática da religião devem fazer parte integrante da vida bandeirante. (CORREIO DA MANHÃ, 16/10/1955, p. 8)

A autora destaca ainda o importante papel da família, uma vez que a principal missão feminina seria a sustentação moral do lar. Entre as mulheres solteiras, a dedicação deve ser aos trabalhos sociais e caritativos:

A missão familiar da Bandeirante é importantíssima, dela dependerá uma melhor compreensão por parte dos pais e outras pessoas que a rodeiam, por conseguinte, da sociedade. A vocação da mulher é a de fundar um lar. Mesmo sem se casar, a mulher tem o dever de formar em torno dela um ambiente acolhedor, um centro de onde irradie bondade, um lugar sempre aberto aos que necessitam afeição: os pobres, as crianças, os enfermos, os aflitos. Cabe às que ficarem solteiras dedicarem-se às obras sociais que, em geral nelas encontram seu maior sustentáculo. Não é o casamento nem a vida de solteira que faz uma mulher feliz; ela é feliz quando se dedica e desgraçada, quando é egoísta. Orientar a Bandeirante na sua missão social nada mais é do que incentivá-la a cumprir a promessa de lealdade à Pátria e a de ajuda ao próximo. É pelo desempenho dessa missão que a Bandeirante se torna útil à sociedade, uma cidadã modelar, um exemplo de civismo, um elemento digno de estima de todos. (CORREIO DA MANHÃ, 16/10/1955, p. 8)

Através da prática da boa ação diária individual e pela organização de boas ações coletivas é que as Bandeirantes se tornariam merecedoras de estima e admiração.

O ensino era outro objetivo do Bandeirantismo, pois as bandeirantes deveriam sempre aprender algo útil nas reuniões. Além da necessidade de constante estudo e aprendizado, a diversão era outra preocupação do movimento, pois:

Divertir é a finalidade do nosso movimento que mais salta aos olhos da criança. Diversão sadia, necessária, educativa, eis o que ela encontra nas reuniões bandeirantes. Diz o nosso livro de organização que a educação bandeirante é auxiliar da família e da escola, é preciso, portanto, que as nossas atividades bandeirantes não nos façam negligenciar nossas obrigações de família e não perturbem as jovens nos seus deveres escolares. (CORREIO DA MANHÃ, 16/10/1955, p. 8)

Em outro artigo, a bandeirante Sonia Loureiro dissertou sobre a finalidade do “fadismo”, que seria basicamente colaborar com os pais, os mestres e com a própria menina, em seu processo de educação integral. Através de jogos e atividades divertidas,

seria propiciado o desenvolvimento moral, físico e mental da jovem. Assim, depois que a “fada” se desenvolvesse, atingindo a idade de 10 anos, poderia passar a aproveitar a companhia das bandeirantes, após o rito da cerimônia do vôo (CORREIO DA MANHÃ, 30/10/1955, p. 5).

Todavia, a expansão do Movimento Bandeirante enfrentava alguns desafios. Na perspectiva da britânica Leslie Whateley, presidente do *Bureau Internacional* das Bandeirantes, os problemas da expansão do Bandeirantismo estavam muito ligados à emancipação da mulher no mundo, que ainda se dava de maneira muito lenta.

Para a líder bandeirante:

O principal problema que o Bandeirantismo encontra para expandir-se é o segundo plano ao qual é geralmente relegada a mulher no mundo. O problema da emancipação da mulher ainda não é um caso solucionado. Países como a Coréia ou como o Japão ainda estão em pleno regime de submissão feminina, o que dificulta o trabalho de expansão do movimento. (CORREIO DA MANHÃ, 27/06/1957, p. 8)

Por sua vez, a líder britânica destacava a importância do bandeirantismo na recuperação de um mundo ainda impactado com a Segunda Guerra Mundial, pois:

Em todos estes anos de após-guerra (frisou) um tremendo desgaste moral abateu-se sobre o mundo todo. A grande missão das *guides* e das bandeirantes nesta oportunidade é a formação de moças em caráter integral, através de uma série de atividades propiciadas pelo método bandeirante. Esperamos poder realizar este trabalho em todo o mundo, tendo como base os princípios relacionados por Baden-Powell. Pensamos anular o desgaste moral e esperamos sucesso na nossa tentativa. (CORREIO DA MANHÃ, 27/06/1957, p. 8)

### Considerações finais

A partir dos fios tecidos ao longo deste artigo, é possível concluir que impressos como *Correio da Manhã* e a *Revista Bandeirantes* foram importantes instrumentos na expansão do Movimento Bandeirante no Brasil. A partir da análise das pistas dos referidos impressos, foi possível vislumbrar a intensa articulação entre as lideranças bandeirantes no Brasil com os ideários católicos, bem como o pertencimento das líderes bandeirantes ao Círculo Católico no Brasil.

Tais conclusões articulam-se com alguns trabalhos de pesquisa desenvolvidos no campo da História da Educação, especificamente sobre o Catolicismo. Assim, o uso de um periódico para difundir os ideais católicos na formação das meninas, por exemplo, não é novidade. Ao analisar o periódico *Traço de União*, produzido pelas alunas do Colégio Jacobina (RJ), Andrea Caruso indica que o jornal, criado na primeira década do século XX, era inicialmente um manuscrito, cujo objetivo seria:

A necessidade de manter o elo entre atuais e antigas alunas, o Traço de União como vitrine de sua instituição educacional católica, tida como referência em métodos pedagógicos no Rio de Janeiro, deixa à mostra de seus leitores os valores e as práticas escolares cotidianas que disseminavam um modelo de educação feminina orientada às filhas da elite da capital da República. (CARUSO, 2006, p. 31)

“Traços de união” também são encontrados na aliança entre bandeirantes e



lideranças católicas no movimento de expansão do Movimento Bandeirante no Brasil. Também foi a partir de impressos que o projeto de educação católica do Monsenhor Álvaro Negromonte se expandiu pelo Brasil, no período de 1936-1964 (ORLANDO, 2013). Não é coincidência que o período de expansão e consolidação do Movimento Bandeirante no país tenha sido praticamente o mesmo das ações de sujeitos como o padre Negromonte; ou ainda de intelectuais católicos como Jonatas Serrano, Osvaldo Aranha, Carlos de Laet, Bandeira de Melo, Leonardo Van Acker, Alceu Amoroso Lima, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cornélio Pena, em torno da revista *A Ordem* (RODRIGUES, 2005). Todavia, apenas homens católicos atuaram na produção de impressos, na circulação de ideias e no debate público no período?

A vertente brasileira do Movimento Bandeirante, que é internacional, apresentou especificidades próprias, sobretudo na intensa articulação das mulheres e no apoio da Igreja Católica. Além disso, o Movimento Bandeirante no Brasil contou com importantes lideranças femininas, mulheres que atuavam como mediadoras no debate político e educacional no período compreendido entre 1919-1960. A educação integral da menina estava no centro das discussões promovidas também pelas mulheres.

As chefes bandeirantes foram protagonistas na difusão do Bandeirantismo no Brasil, em práticas recheadas de valores morais e de práticas e liturgias da Igreja Católica, num projeto de educação mais amplo, para além da escola, com linguagem voltada para o público feminino, “de mulher para mulher”. É possível afirmar, sem generalizar, que muitas dessas mulheres eram católicas praticantes, provenientes de famílias de prestígio social e econômico no período. Todavia, não compunham um grupo homogêneo, pois havia muitas diferenças entre as componentes do movimento bandeirante no Brasil. A Promessa feita à Bandeira, contudo, as unia fortemente.

### Referências

BADEN-POWELL, Lord of Givell. *Guia do Chefe Escoteiro*. 4 Ed. Brasília: Editora Escoteira, 1982.

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smith. *Lições da Escola da Vida*. Porto Alegre: Editora Escoteira.1981.

\_\_\_\_\_. *Escotismo para Rapazes*. Edição da fraternidade mundial. Porto Alegre: Editora Escoteira, 1975.

CARVALHO, Samara dos Santos. *A Federação das Bandeirantes no limiar dos anos sessenta: uma proposta de emancipação da mulher?* 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2013.

CARUSO, Andrea. Traço de União como vitrine: Educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do Colégio Jacobina. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

COELHO, Caio Fernando Flores. *A dívida de si: estudo etnográfico sobre movimento escoteiro*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FREHSE, Fraya. Os informantes que jornais e revistas revelam: uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 131-156, jul./dez. 2005.

- HERNANDEZ DIAZ, José María. Excursionismo, escultismo y educación social. Los Exploradores Bejaranos (1927-1932). *Estudios Bejaranos*, 15, p. 83-97, 2011 a.
- HERNANDEZ DIAZ, José María (Ed.). Escultismo, regeneracionismo educación de la ciudadanía en España (1912-1936). In: HERNANDEZ DIAZ, José María (Ed.). *Influencias inglesas en la educación española e iberoamericana (1810-2010)*. Salamanca: Hergar Ediciones Antema, 2011 b. p. 43-62.
- HEROLD JUNIOR, Carlos; FERNANDEZ VAZ, Alexandre. A educação corporal em Baden-Powell: o movimento escoteiro contra o intelectualismo escolar. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 47, p. 166-184, set. 2012.
- JORNAL CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1930-1960 (Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional).
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Arumentvm, 2007.
- \_\_\_\_\_. Receitas de civilização: a aliança médico-mulher e a educação da família brasileira na Primeira República. *Saúde, Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, v. 36, p. 6-17, 2005.
- \_\_\_\_\_. A quem cabe educar. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 5, p. 213-231, jan./jun. 2003.
- MOTTA, Maria Inez F. *Bandeirantismo no Brasil: um estudo de caso sobre mulher e modernidade*. 1988. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.
- NASCIMENTO, Amailson de Oliveira. Educação e civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, n. 7, p. 43-74, 2004.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- ORLANDO, Evelyn de Almeida. Educar-se para educar: o projeto pedagógico do mosenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964). 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- REVISTA BANDEIRANTES. Rio de Janeiro, 1944.
- RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem – uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SANDRONI, Laura. *Laura Sandroni: depoimento [2008]*. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/pessoa/laura-sandroni-22475>>.
- SOUZA, Max Eduardo. *Pensamento social conservador na modernidade brasileira contemporânea: estudo de caso sobre o Movimento Escoteiro*. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: projeto educativo extraescolar. *Revista HISTEDBROnline*, Campinas, n. 23, p. 171-194, 2006. Disponível em: \_\_\_\_\_. Acesso em: 10 jul. 2014.
- TINDADE, Etelvina M. C. A educação moral das mulheres segundo os preceitos católicos no início do século XX. Reunião da SBPH, XXV, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2005.
- VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. O Tico-Tico e a expansão do escotismo no Brasil. In: VERGUEIRO, W. de C. S.; SANTOS, R. E. dos. (Org.). *O Tico-Tico: 100 anos*

da primeira revista de quadrinhos brasileira. São Paulo: Opera Graphica, 2005. v. 1, p. 181-184.

ZUQUIM, Judith; CYTRYNOWICZ, Roney. Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914-1937). *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 35, p. 43-58, 2002.

ALEXANDRA LIMA DA SILVA é Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ), com período de bolsa sanduíche financiado pela Capes na Universidade de Alcalá de Henares e bolsa nota 10 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Bacharel, Licenciada e Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente, é professora adjunta da Faculdade de Educação da UERJ, Campus Maracanã e professora no Proped/UERJ. Pesquisadora da FAPERJ no Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (2015).

Endereço: Alameda São Boaventura, n. 987, apto. 310, Bl. 1 - Fonseca - 24130-001 - Niterói/RJ - Brasil.

E-mail: alexandralima1075@gmail.com

Recebido em 11 de janeiro de 2017.

Aceito em 13 de fevereiro de 2017.